

Depois das bem-sucedidas reedições, *Pesquisa social – Teoria, método e criatividade* foi revista e atualizada com o intuito de continuar servindo de referência para os estudantes de graduação na construção de sua monografia e na sua introdução ao campo fascinante da pesquisa social e das abordagens qualitativas. Pela sua linguagem simples e objetiva, esta pequena obra atende aos interesses dos universitários em várias áreas do conhecimento que envolvem a questão social e as indagações de como abordá-la.

www.vozes.com.br

 EDITORA
VOZES

Uma vida pelo bom livro

vendas@vozes.com.br



PESQUISA SOCIAL

Teoria, método e criatividade

Maria Cecília de Souza
Minayo (organizadora)

Suely Ferreira Deslandes
Bomfim Gomes

EXEMPLAR SEM RASURAS

O último usuário será responsável
em devolvê-lo nas mesmas
condições.

E 002

colegão
Temps
Sociais

 EDITORA
VOZES

COLEÇÃO TEMAS SOCIAIS

Pesquisa social – Teoria, método e criatividade

Maria Cecília de Souza Minayo (org.)

Coragem de educar – Uma proposta de educação popular para o meio rural

Fundep – Fundação de Desenvolvimento, Educação e Pesquisa

Política social do conhecimento – Sobre futuros do combate à pobreza

Pedro Demo

Educação & conhecimento – Relação necessária, insuficiente e controversa

Pedro Demo

Tecnologias do conhecimento – Os desafios da educação

Ladislau Dowbor

Indisciplina escolar: causas e sujeitos

Rosana Aparecida Argento Rebelo

Professor do futuro e reconstrução do conhecimento

Pedro Demo

A insegurança social – O que é ser protegido?

Robert Castel

Éticas multiculturais – Sobre convivência humana possível

Pedro Demo

Formação permanente e tecnologias educacionais

Pedro Demo



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Deslandes, Suely Ferreira

Pesquisa social : teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 28. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

ISBN 978-85-326-1145-1

1. Ciências sociais – Metodologia 2. Ciências sociais – Pesquisa 3. Criatividade I. Gomes, Romeu II. Minayo, Maria Cecília de Souza III. Título.

94-0274

CDD-300.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências Sociais : Pesquisa 300.72

Maria Cecília de Souza Minayo (Organizadora)

Suely Ferreira Deslandes

Romeu Gomes

PESQUISA SOCIAL

Teoria, método e criatividade



 EDITORA
VOZES

Petrópolis

APRESENTAÇÃO

Querido jovem estudante,

Apresentamos a você uma versão revisada do livro *Pesquisa social* em sua 25ª edição. Pela experiência que nós autores tivemos a partir das edições anteriores, ousamos dizer que nosso encontro foi positivo e profícuo. Gostaríamos de continuar esse diálogo com você, fazendo alguns aperfeiçoamentos nesta pequena obra. Esse movimento de aprimoramento deixa claro que, até quando falamos de métodos e regras para a produção científica, existem possibilidades de mudanças: e é nesse sentido e propósito que nos empenhamos na revisão, sem modificar o formato simples e didático de abordar os segredos das formas de pesquisar.

Ressaltamos que *teoria, método e criatividade*, os enunciados que estão no subtítulo do livro, são os três ingredientes ótimos que, bem combinados, produzem conhecimentos e dão continuidade à tarefa dinâmica de descobrir as entranhas do mundo e da sociedade. Deles falaremos oportunamente.

Você verá que este trabalho possui duas tônicas. A primeira parte é mais teórica e abstrata. Introduz você às questões polêmicas do mundo científico e aos conceitos básicos de pesquisa, particularmente da pesquisa social. A segunda parte é mais técnica: ela ensina como fazer. No entanto, está intimamente ligada com o as-

sunto tratado no primeiro capítulo, articulando teoria e prática de pesquisa. Para sermos mais precisos, as orientações começam num movimento de grande abertura colocando você, jovem pesquisador, no universo do debate acadêmico sobre a descoberta científica e, em seguida, focalizam a pesquisa social e todas as estratégias de sua aplicação metodológica.

Dada a peculiaridade dos instrumentos de abordagem qualitativa em pesquisa social, julgamos conveniente nos deter com mais profundidade sobre eles, remetendo o estudo das técnicas de pesquisa quantitativa para outro livro.

Os autores deste estudo somos todos estudiosos e pesquisadores com longa experiência de trabalho em pesquisa. Falamos a partir de nossa própria vivência de produção intelectual e buscaremos compartilhar com você nossas próprias indagações, percursos e descobertas.

Seja bem-vindo a estas páginas. Esperamos seu olhar curioso se encontrando com o nosso e, sobretudo, esperamos suas perguntas e questionamentos. Como muito bem disse o grande filósofo Heidegger, “*a pergunta é a devoção do pensamento!*”

Os autores

Capítulo 1

O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL

Maria Cecília de Souza Minayo

1. Ciência e cientificidade

Do ponto de vista antropológico, podemos dizer que sempre existiu preocupação do *homo sapiens* com o conhecimento da realidade.

As tribos primitivas, através dos mitos, explicaram e explicam os fenômenos que cercam a vida e a morte, o lugar dos indivíduos na organização social, seus mecanismos de poder, controle e reprodução. Dentro de dimensões históricas imemoriais até nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva. A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva.

Na sociedade ocidental, no entanto, a ciência é a forma hegemônica de construção da realidade, considerada por muitos críticos como um novo mito, por sua pretensão de único promotor e critério de verdade. No entanto, continuamos a fazer perguntas e a buscar soluções. Para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência, a ciência continua sem respostas e sem

propostas. As explicações históricas da hegemonia da ciência sobre outras formas de conhecimento não cabe aqui aprofundar. Mencionaremos duas razões: a primeira, de ordem externa a ela mesma, está na sua possibilidade de responder a questões técnicas e tecnológicas postas pelo desenvolvimento industrial. A segunda razão, de ordem interna, consiste no fato de os cientistas terem conseguido estabelecer uma linguagem fundamentada em conceitos, métodos e técnicas para compreensão do mundo, das coisas, dos fenômenos, dos processos e das relações. Essa linguagem é utilizada de forma coerente, controlada e instituída por uma comunidade que a controla e administra sua reprodução.

O campo científico, apesar de sua normatividade, é permeado por conflitos e contradições. E para nomear apenas uma das controvérsias que aqui nos interessa, citamos o grande embate sobre cientificidade das ciências sociais, em comparação com as ciências da natureza. Há aqueles que buscam a uniformidade dos procedimentos para compreender o natural e o social como condição para atribuir o estatuto de “ciência” ao campo social. Há os que reivindicam a total diferença e especificidade do campo humano.

Paul de Bruyne et al. (1995) advogam que a ideia da cientificidade comporta, ao mesmo tempo, um polo de unidade e um polo de diversidade. Ou seja, existe possibilidade de encontrarmos semelhanças relativamente profundas em todos os empreendimentos que se instituíram a partir da ideia geral de um conhecimento construído por meio de conceitos, seja de caráter sistemático, seja de caráter exploratório e dinâmico. Essa ideia representa uma tradição geral de autorregulação do processo de construção de conhecimento. Mas, por outro lado, a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer: ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização.

Tal reflexão se torna particularmente fundamental para nosso objeto de estudo neste pequeno livro, a *pesquisa social*. A interrogação enorme em torno da cientificidade das ciências so-

ciais se desdobre em várias questões. A primeira diz respeito à possibilidade concreta de tratarmos de uma realidade da qual nós próprios, enquanto seres humanos, somos agentes: — essa ordem de conhecimento não escaparia radicalmente a toda possibilidade de objetivação?

Em segundo lugar, será que, buscando a objetivação própria das ciências naturais, não estaríamos descaracterizando o que há de essencial nos fenômenos e processos sociais, ou seja, o profundo sentido dado pela subjetividade?

Por fim, e em terceiro lugar, que método geral nós poderíamos propor para explorar uma realidade tão marcada pela especificidade e pela diferenciação? Como garantir a possibilidade de um acordo fundado numa partilha de princípios e não de procedimentos?

Em resumo, as ciências sociais hoje, como no passado, continuam na pauta de plausibilidade enquanto conhecimento científico. Seu dilema seria seguir os caminhos das ciências estabelecidas e empobrecer seu próprio objeto? Ou encontrar seu núcleo mais profundo, abandonando a ideia de cientificidade?

A situação não é fácil e não é simples. Primeiro porque, se as ciências da natureza são pioneiras e as estrelas da ideia de cientificidade, não está absolutamente atestado que elas já atingiram sua expressão adequada. A física quântica com suas descobertas e as teorias sistêmicas com o aprofundamento das abordagens complexas, dentre outros temas científicos, vêm revolucionando em seu próprio campo as ideias de espaço, de tempo e de relações sujeito-objeto.

A cientificidade, portanto, tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos. A história da ciência revela não um “a priori”, mas o que foi produzido em determinado momento histórico com toda a relatividade do processo de conhecimento.

Poderíamos dizer, nesse sentido, que o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus

Capítulo 2

O PROJETO DE PESQUISA COMO EXERCÍCIO CIENTÍFICO E ARTESANATO INTELECTUAL

*Suely Ferreira Deslandes**

1. Introdução

Um projeto de pesquisa constitui a síntese de múltiplos esforços intelectuais que se contrapõem e se complementam: de abstração teórico-conceitual e de conexão com a realidade empírica, de exaustividade e síntese, de inclusões e recortes, e, sobretudo, de rigor e criatividade. Um projeto é fruto do trabalho vivo do pesquisador. Para isso, ele vai precisar articular informações e conhecimentos disponíveis (um amplo conjunto de saberes e técnicas), usar certas tecnologias (o uso de internet ou de certos programas, por ex.), empregar sua imaginação e emprestar seu corpo ao esforço de realizar a tarefa. Quem duvida que as vistas cansam, as costas ardem e a coluna dói depois de longos dias em frente a um computador ou a uma pilha de livros?

O projeto é construído artesanalmente por um artífice através do trabalho intelectual. É, portanto, um artefato. O que queremos dizer com isso?

* Socióloga, doutora em Ciências e pesquisadora titular do IFF/Fiocruz.

Capítulo 4

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA QUALITATIVA

*Romeu Gomes**

1. Iniciando nossa conversa

Inicialmente gostaríamos de fazer três observações importantes para introduzir o assunto tratado neste capítulo. A primeira delas diz respeito ao fato de a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de pesquisa qualitativa não terem como finalidade contar opiniões ou pessoas. Seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar. Esse estudo do material não precisa abranger a totalidade das falas e expressões dos interlocutores porque, em geral, a dimensão sociocultural das opiniões e representações de um grupo que tem as mesmas características costumam ter muitos pontos em comum ao mesmo tempo que apresentam singularidades próprias da biografia de cada interlocutor. Por outro lado, também devemos considerar que sempre haverá diversidade de opiniões e crenças dentro de um mesmo segmento social e a análise qualitativa deve dar conta dessa dife-

* Licenciado como professor de Sociologia e Psicologia; mestre em Educação; livre-docente em Psicologia; doutor em Saúde Pública e pesquisador titular do IFF/Fiocruz.

